

# Impacto de operadores de padrões de dinâmica de forças na estrutura da linguagem: um estudo cognitivo com os conectivos concessivos

## RESUMO

Este artigo é um recorte de uma proposta investigativa que tem como objetivo central desenvolver um estudo sobre usos e funções de mesmo no português falado e escrito do Amazonas sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva em interface com a Sociolinguística. O objetivo principal, dentro do recorte, consiste em demonstrar o impacto de padrões da dinâmica de forças na estrutura da linguagem por meio de um breve estudo sobre o modelo teórico de Talmy (2000) conhecido como Dinâmica de Forças. Esse modelo teórico é considerado pela Linguística Cognitiva uma das operações de perspectivação conceptual, especificamente aquela operação de perspectivação em que há um esquema imagético de forças. Com foco no objetivo central, foi feita uma pesquisa com os conectivos concessivos mesmo que, embora e apesar de, juntamente com uma abordagem linguística sobre os conceitos atrelados ao modelo da dinâmica de forças e, ao mesmo tempo, foram apresentados alguns estudos já realizados sobre o tema para ratificar a sua importância no campo da Linguística Cognitiva. Para embasamento teórico, foram consultados Talmy (1988, 2000), Hart (2010), Lakoff e Johnson (2002), Silva (1997, 2008), Batoréo (2015, 2017) e Langacker (2008). Os dados foram extraídos de dois jornais de grande circulação da cidade de Manaus, capital do Amazonas, nos anos de 2017 e 2018. As análises realizadas nas notícias selecionadas comprovaram que o modelo da Dinâmica de Forças é aplicável às expressões com os conectivos concessivos e que esses operadores produzem diferentes perspectivações conceptuais (ou construal, segundo Langacker) de uma mesma situação no mundo real.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Cognitiva. Esquemas imagéticos. Dinâmica de Forças.

**Marcilene da Silva Nascimento Cavalcante**  
[marcilinguisticabc@gmail.com](mailto:marcilinguisticabc@gmail.com)  
Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
Rio de Janeiro, Brasil.

**Melina Célia e Souza**  
[melinacsouza@gmail.com](mailto:melinacsouza@gmail.com)  
Universidade Federal Fluminense, Niterói,  
Rio de Janeiro, Brasil.

## INTRODUÇÃO

Com base no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva e, especificamente, nos conceitos de esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987) e dinâmica de forças (TALMY, 1988), este artigo visa demonstrar o impacto dos padrões da dinâmica de forças na estrutura da linguagem, apresentando um estudo acerca do uso dos conectivos concessivos mesmo que, embora e apesar de.

De acordo com Talmy (1988), a dinâmica de forças consiste em uma das categorias semânticas essenciais à estruturação da linguagem, explicitando não só relações físicas básicas mas também interações psicossociais delas metaforicamente derivadas. Sistematizado com base no esquema imagético de força, o modelo proposto por Talmy é aplicável a diferentes níveis linguísticos e, neste artigo, será empregado à análise dos conectivos concessivos supracitados, que indicam a ideia de contraexpectativa. Nesse sentido, o seguinte questionamento foi levantado: os conectivos concessivos mesmo que, apesar de e embora podem ser considerados operadores da dinâmica de forças?

De modo a buscar responder ao questionamento proposto, o texto está organizado em cinco seções: na primeira delas, apresentamos um breve panorama dos estudos sobre o modelo da dinâmica de forças e a Linguística Cognitiva, campo teórico em que está inserida a teoria de Talmy. Na segunda seção, versamos sobre os esquemas imagéticos e os seus principais modelos. Em seguida, na terceira seção, tratamos do conceito de dinâmica de forças e discutimos as suas diferentes concepções. Ainda nessa seção, expomos alguns estudos voltados para o modelo teórico de Talmy. Na quarta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para realização do estudo. Por fim, na quinta e última seção, apresentamos a análise de algumas amostras de notícias/reportagens em que foi identificado o uso dos conectores concessivos mesmo que, embora e apesar de, considerados operadores de dinâmica de forças de concessão.

Os estudos com base na teoria de Talmy são relativamente recentes no Brasil, e as produções divulgadas tendem a abordar a causalção/transitividade. Sendo assim, por apresentar uma leitura diferenciada de um fenômeno gramatical, as conjunções, o estudo ora proposto pretende contribuir para os estudos linguísticos, apresentando a teoria da corporeidade como possibilidade para a compreensão da construção de significados a partir da interação de entidades de forças contrárias.

### 1. PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE O MODELO DE DINÂMICA DE FORÇAS

A produção científica de Talmy ainda é pouco conhecida no Brasil, mas tem despertado a atenção de alguns estudiosos da linguagem. Para realização desta pesquisa, foram selecionados alguns estudos considerados mais representativos em Portugal e no Brasil.

Em Portugal, Batoréo (2017) e Silva (1997) são os pesquisadores que mais fazem referência à obra de Talmy.

Batoréo (*op. cit.*), em seu artigo intitulado “Tipologia do espaço e tipologia das línguas: proposta de Leonard Talmy”, caracteriza a obra desenvolvida pelo pesquisador apresentando os fundamentos da sua teoria. Nesse trabalho, a autora afirma que a proposta de Talmy preenche as lacunas deixadas pelo Estruturalismo

e pelo Gerativismo, e acrescenta que isso só é possível porque, em sua tese, o autor procura entender o falante como conceptualizador do mundo. Segundo Batoréo, Talmy tenta provar em sua proposta que a natureza geral da representação cognitiva passa pela conceptualização do domínio do espaço ou pelo modo como a linguagem estrutura o espaço. Com esse objetivo, Talmy define quatro sistemas imagéticos: a geometria, a perspectivação, a distribuição de atenção e a dinâmica de forças. Sendo assim, para caracterizar a proposta talmiana, Batóreo apresenta uma descrição de sistema imagético, apresenta exemplos dos campos verbal e lexical, e finaliza declarando o seguinte:

A proposta de Linguística/Semântica Cognitiva que Leonard Talmy apresenta não é uma teoria coesa e/ou acabada, nem a sua descrição está, por vezes, clara e fácil de seguir com base de apenas uma primeira leitura. Trata-se, no entanto, de uma proposta cativante, que parece estar sempre em construção e aperfeiçoamento (BATÓREO, 2017, p. 172).

Silva (1997), por sua vez, afirma que Talmy (1988) “demonstra o impacto de padrões de dinâmicas de forças na estrutura da linguagem”. Trata-se de uma referência introdutória à proposta talmiana, em que o autor deixa claro a pertinência do estudo, uma vez que conceptualizamos linguisticamente nossas interações físicas por meio de esquemas pré-conceptuais de dinâmicas de forças e, metaforicamente, também nossas interações psicológicas e sociais.

Já em sua obra de 2008, Silva compara as formas de classificação de operações de perspectivação encontradas em Langacker (2008) e Talmy (2000), demonstrando a importância dessa sistematização para o estudo da gramática. No que se refere ao modelo de dinâmica de forças de Talmy, Silva o aplica em sua análise de atos de fala com os verbos causativos manter e deixar, concluindo que tais verbos expressam perspectivações conceptuais diferentes de uma mesma situação do mundo real.

No Brasil, alguns pesquisadores também lançam mão da teoria talmiana em suas produções científicas. Moura e Knihš (2010), por exemplo, estabelecem como objetivo principal analisar diferentes conceptualizações de emoções humanas por meio da análise de enunciados metafóricos, utilizando os modelos cognitivos da ação verbal de Langacker (2002 *apud* MOURA; KNIHŠ, 2010) e Talmy (2003, *apud* MOURA; KNIHŠ, 2010): o modelo da bola de bilhar, o modelo teatral e o modelo da dinâmica de forças. Já Moura (2012) defende que a transitividade que ocorre quando um verbo pede dois argumentos está associada à causatividade canônica, ou seja, aquela em que dois participantes da cena a ser representada interagem entre si, um exercendo força sobre o outro por meio da denominada causa externa, enquadrada na Teoria de Dinâmica de Forças.

Ainda na trilha dos autores brasileiros, Gonçalves-Segundo (2014) publica o artigo “Convergência entre a análise crítica do discurso e a linguística cognitiva: integração conceptual, metáfora e dinâmica de forças”, trabalho em que discute a possibilidade de convergência entre a Linguística Cognitiva e a Análise Crítica de Discurso, defendendo o potencial do modelo de dinâmica de forças como ferramenta para análise retórico-discursiva. Para tanto, lança mão dos conceitos de integração conceptual, metáfora e dinâmica de forças.

No ano seguinte (2015), o autor publica o capítulo “A permeabilidade da dinâmica de forças: da gramática ao discurso”, em que tem como objetivo central mostrar que o modelo proposto por Talmy permeia diversos níveis linguísticos, defendendo a sua aplicação na análise de fenômenos não só gramaticais, mas também discursivos do português brasileiro. Dois anos depois, no artigo “Orientação argumentativa e cognição: a dinâmica de forças no debate acerca dos rolezinhos”, Gonçalves-Segundo relaciona o princípio cognitivo da dinâmica de forças para tecer um diálogo entre a Linguística Cognitiva e os estudos argumentativos.

Considerando os trabalhos citados, podemos observar a importância da teoria talmiana para a compreensão de fenômenos linguísticos e a sua relação com eventos físicos, psicológicos, sociais e culturais.

### 1.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA: O BERÇO DA TEORIA

A Linguística Cognitiva pode ser considerada uma ciência multidisciplinar, uma vez que agrega teorias de linguagem compartilhadas por outras áreas, como Antropologia, Psicologia, Filosofia da Linguagem, Neurolinguística e Psicolinguística. Sendo assim, Ferrari (2016, p. 14) adverte que não se deve pensar na Linguística Cognitiva como uma área homogênea, pois “reúne um conjunto de abordagens que compartilham hipóteses centrais a respeito da linguagem humana e, ao mesmo tempo, detalham aspectos particulares relacionados aos desdobramentos dessas hipóteses.”

Apesar da relação interdisciplinar com áreas distintas do conhecimento, a Linguística Cognitiva se distingue de outras ciências cognitivas, como o Gerativismo, sendo atrelada às chamadas Ciências Cognitivas Corporeadas. Nesse sentido, Ferrari (idem) afirma que, na LC, “destaca-se a concepção da linguagem humana como instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática, e não um sistema autônomo.” É também nesse sentido que Silva (1997, p. 59) apresenta a LC como:

[...] uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

De acordo com essa afirmação, compreendemos que a LC considera a linguagem como um instrumento para organizar/categorizar o conhecimento, e tudo isso se dá a partir das nossas experiências e em contato com o mundo. Além disso, a linguagem não pode ser estudada de forma isolada de outras entidades, pois ela não é autônoma nem modular, conforme defende Langacker (2008, p. 15) ao afirmar que “léxico, morfologia e sintaxe formam um *continuum*”. Daí decorrem os dois princípios básicos que caracterizam a LC: o princípio da não modularidade e o do não objetivismo.

O princípio da não modularidade defende que a linguagem não é independente de outras faculdades mentais. Isso significa que os cognitivistas têm

uma visão integradora do fenômeno da linguagem, que é vista como um instrumento para organizar, processar e transmitir informações, ou seja, como algo primariamente semântico. Sendo assim, a linguagem é toda sobre significado, o que justifica o fato de a LC priorizar a semântica (FERRARI, 2016, p. 16). No entanto, na LC, e mais especificamente na Semântica Cognitiva, o significado é visto de quatro formas bem específicas. Em primeiro lugar, ele é perspectivado, ou seja, não decorre de uma representação real do mundo mediada pela linguagem, mas das diferentes maneiras pelas quais interpretamos o mundo e, por meio da linguagem, apresentamos o nosso ponto de vista da realidade. Em segundo lugar, o significado linguístico é dinâmico e flexível, ou seja, para Semântica Cognitiva, o significado é mutável, pois está diretamente relacionado às experiências e mudanças que ocorrem no mundo e, por isso, exige adaptações por meio de novas categorias semânticas. Em terceiro lugar, o significado linguístico é enciclopédico e não autônomo. Em quarto e último lugar, o significado linguístico é baseado no uso e na experiência.

Outro princípio importante é o do não objetivismo, que se refere à relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência. Essa integração leva em consideração a captação de dados para construção dos significados a partir do contato com o mundo, contato esse que se dá por meio dos nossos sentidos. Esse princípio está relacionado ao fato de que, como vimos, o significado é perspectivado, ou seja, não pode ser entendido como um espelho do mundo real. Segundo essa teoria, portanto, nossa mente não é separada do corpo e nosso pensamento é corporificado, “no sentido de que sua estrutura e sua organização estão diretamente associadas à estrutura de nosso corpo, bem como às nossas restrições de percepções e de movimento no espaço” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2015, p. 181).

A noção de que nossas experiências perceptuais estão ancoradas no corpo é defendida por Lakoff e Johnson com base no experiencialismo:

O mito experiencialista considera o homem como parte do meio, não separado dele e focaliza a constante interação do homem com o ambiente físico e com as outras pessoas. Vê essa interação com o meio envolvendo a transformação mútua. Você não pode agir no meio sem transformá-lo ou sem ser transformado por ele (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 348).

Essa é, portanto, uma perspectiva corporificada. Como explica Batoréo (2015, p. 43), “O experiencialismo da LC postula, também, que o pensamento se fundamenta na experiência do mundo. Esta experiência não é dada, mas é construída através de estruturas cognitivas informativas, tais como a Linguagem.”

Mediando os principais postulados da LC estão os conceitos de modelos cognitivos idealizados, esquemas imagéticos, metáfora e metonímia.

Segundo Lakoff (1987), os MCIs orientam os processos cognitivos de categorização de experiências. Caracterizados como modelos socioculturais compartilhados e, por isso mesmo, estereotipados, os MCIs funcionam, portanto, como bases para o processamento cognitivo, inclusive aquele relativo à linguagem. Essas estruturas relativamente estáveis, armazenadas em nossas mentes tanto a partir de nossa experiência mais básica, sensório-motora, quanto por meio da relação com o mundo que nos cerca, são de fundamental importância para que

possamos entender que o processo de conceptualização envolve muito mais do que a simples decodificação de uma forma linguística em um significado. Nesse sentido, Nuñez (*apud* DUQUE; COSTA, 2012, p. 78) explica:

O significado é construído socialmente de diversas formas (nunca é arbitrário), uma vez que está sujeito a conhecimentos originados em processos biológicos associados à corporalidade, que tem lugar na interação permanente entre os elementos sensíveis (constituídos mutuamente) e o meio a que esses elementos pertencem.

Ainda de acordo com Lakoff (1987), MCIs dependem de três tipos de princípio estruturante: estrutura proposicional, estrutura de imagens esquemáticas e projeções metafóricas e metonímias. Neste artigo, considerando nosso objetivo, focaremos os esquemas imagéticos.

## 2. ESQUEMAS IMAGÉTICOS

De acordo com Johnson (1987, p. 29-30, tradução nossa), esquemas imagéticos são estruturas dinâmicas “por meio das quais organizamos nossa experiência de maneira que possamos compreendê-la.”<sup>1</sup> Formadas por meio da percepção sensório-motora de nossas vivências mais primitivas – e, basicamente, espaciais –, essas estruturas são acionadas para que possamos apreender domínios mais abstratos com base em domínios mais concretos.

Apesar de constituírem um pequeno grupo de relações esquemáticas, os esquemas imagéticos (doravante, esquemas-I) são a base para a compreensão de significados mais abstratos, podendo estruturar incontáveis percepções, imagens e eventos. Têm, portanto, como característica fundamental a flexibilidade, ou seja, “podem assumir um número qualquer de instanciações específicas em contextos variados”<sup>2</sup> (*op. cit.*, p. 30, tradução nossa). Esse aspecto multifacetado se deve ao fato de a estrutura interna de um único esquema poder ser entendida metaforicamente. Dessa forma, há inúmeras versões de esquemas. Conforme Duque e Costa (2012, p. 78), os esquemas imagéticos mais frequentes são: CONTÊINER; PARTE/TODO; LIGAÇÃO; CENTRO/PERIFERIA; ORIGEM/PERCURSO/META e ESCALAS. A seguir, veremos alguns exemplos cujas experiências são ancoradas nesses esquemas-I. Tais exemplos foram extraídos de notícias de dois jornais amazonenses: O Diário do Amazonas e A Crítica, fontes do *corpus* de nossa pesquisa.

- a. “Mas eu retruco: nada disso, multiculturalismo é a convivência de diferentes culturas num mesmo espaço geográfico, em um mesmo intervalo de tempo.”<sup>3</sup>

De acordo com a Teoria da Corporalidade, nossas experiências sensório-motoras são responsáveis pela promoção da aprendizagem ao longo da nossa existência. Sendo assim, experienciamos nosso corpo como um recipiente com conteúdo. Essa experiência básica nos leva a evocar o esquema-I CONTÊINER para expressar noções de contenção, dentro-fora, superfície, cheio-vazio e conteúdo. No exemplo (1), podemos observar que a preposição num/em um evoca a noção

de recipiente: o espaço geográfico/intervalo de tempo é um contentor de diferentes culturas.

Vejamos, agora, um exemplo em que é evocado o esquema-I PARTE-TODO:

- b. “Na mesma estrada, outra área que também seria da empresa de fabricação de cimento começou a ser invadida na quarta-feira da semana passada.”<sup>4</sup>

O esquema-I PARTE-TODO deriva do fato de que somos seres cujo corpo é constituído por diversas partes. Essa mesma experiência se dá com os objetos e demais elementos do mundo que nos cerca. No exemplo (2), a estrada é o todo, e a outra área, que também é da empresa de fabricação de cimento e que está sendo invadida, é a parte.

Vejamos mais um exemplo:

- c. “Mesmo com o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, a maioria delas possuir Ensino Superior completo, a redução da fecundidade, entre outros fatores, elas seguem dedicando bem mais tempo aos afazeres domésticos e cuidados que os homens.”<sup>5</sup>

Percebemos nosso corpo como contendo partes centrais e periféricas: partindo do nosso tronco, por exemplo, este seria o centro, enquanto mãos, dedos e unhas seriam partes mais periféricas. Dessa experiência emerge o esquema-I CENTRO-PERIFERIA, que pode ser observado no exemplo (3). Nesse caso, o termo “mercado de trabalho” refere-se ao centro. Já as “mulheres”, por estarem distantes desse centro, ou por ainda estarem mais envolvidas com os afazeres domésticos, estão na periferia.

Do nosso próximo exemplo emerge o esquema-I ORIGEM/PERCURSO/META. Vejamos:

- d. “Mesmo com tempo chuvoso e as dificuldades do local, fomos até lá e realizamos o resgate. ‘Ninguém ficou para trás’, disse ele, que é Chefe da Subseção de Saúde Operacional do Hospital de Aeronáutica de Manaus.”<sup>6</sup>

O esquema-I ORIGEM/PERCURSO/META envolve as noções de tempo e espaço (direção), derivando da seguinte experiência corporal básica: todo movimento realizado por nosso corpo conta com um ponto de partida, uma trajetória e um ponto de chegada. No exemplo (4), podemos observar que o trajetor (“ele, que é Chefe da Subseção de Saúde Operacional do Hospital de Aeronáutica de Manaus”: aquele que percorre a trajetória) sai do local em que se encontrava em inércia (origem/ponto de partida) e inicia um movimento em direção ao local de resgate (“até lá”: meta/ponto de chegada). O caminho é o espaço (distância) percorrido pelo trajetor.

Agora, vejamos um exemplo em que o esquema-I de LIGAÇÃO é acionado:



- e. “O deputado Serafim Corrêa, presidente do PSB, mesmo partido de David Almeida, saiu em defesa do parlamentar, sustentando o discurso de que há um ataque ao mandato do presidente da ALE e deixando claro que já há uma animosidade na Casa Legislativa em virtude das eleições.”<sup>7</sup>

Segundo Duque e Costa (2012) , nós conceptualizamos as coisas por intermédio das relações que realizamos entre elas. Essas ligações “podem estar relacionando diretamente os conceitos entre si, ou ainda relacionando-se a outros conceitos” (*op. cit.*, p. 81). No exemplo (5), podemos observar que entre os deputados Serafim Corrêa e David Almeida há um elemento de ligação: o partido político, fundamental para a ação de defesa de Corrêa.

Por fim, vamos analisar um exemplo em que o esquema-I acionado é o de ESCALA:

- f. “Além desses locais mais especializados, não podemos deixar de citar diversos locais tradicionais que oferecem o dogão mais simples e mesmo assim, com suas marcas, seja pela maionese caseira ou pelo molho da salsicha.”<sup>8</sup>

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 76), quando identificamos as coisas do mundo como “entidades ou substâncias, podemos nos referir a elas, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las e dessa forma, raciocinar sobre elas.” Essa é lógica emergente do esquema-I de ESCALA, diretamente ligado à nossa orientação espacial. Cotidianamente, portanto, quando falamos sobre elementos, tendemos a organizá-los de forma escalar, em um continuum que vai do “menos x” para o “mais x”. No exemplo (6), podemos observar esse modo de organização do pensamento nos seguintes usos: “locais mais especializados” (+) e “locais tradicionais que oferecem um dogão mais simples” (-).

### 3. DINÂMICA DE FORÇAS

Nossa movimentação no espaço e no tempo envolve a atuação de forças que agem sobre nosso corpo e de forças que por ele são empreendidas. Essas forças são percebidas como ações físicas e compreendidas com base em habilidades de partes de nosso corpo, como braços, mãos e pernas. Sendo assim, ações como empurrar e puxar implicam o uso de forças bem como envolvem resistências e tendências.

Segundo Talmy (1988, p. 49), o modelo da dinâmica de forças está relacionado ao modo como as entidades interagem com as forças existentes no mundo, o que envolve tanto experiências básicas de ação/movimento quanto experiências daí derivadas, como as de EQUILÍBRIO, COMPULSÃO, FORÇA CONTRÁRIA, BLOQUEIO e ATRAÇÃO.

Nossa experiência corpórea de EQUILÍBRIO é constante e está relacionada com a sustentação simétrica de forças, sem que haja inclinação para os lados.



Sabemos, por exemplo, que a capacidade de nos mantermos na posição ereta se deve à sustentação dada pelos nossos pés e que qualquer interferência nessa base pode causar desequilíbrio. Experiências corporais como essa nos levam a compreender a ausência de simetria entre forças como responsável pelo desequilíbrio e a estender essa noção a elementos que nos rodeiam, como a nossa alimentação (Preciso de uma alimentação balanceada.) ou, até mesmo, a nossa vida (Minha vida anda desequilibrada). Silva (1997, p. 74) explica esse esquema da seguinte maneira:

A ideia que temos do 'equilíbrio' é algo que apreendemos, não pela compreensão de um conjunto de regras, mas com o nosso próprio corpo, através de experiências corporais várias de equilíbrio e desequilíbrio e da manutenção dos nossos sistemas e funções corporais em estados de equilíbrio.

Da experiência básica do movimento também deriva o esquema de COMPULSÃO, cuja lógica prevê que um movimento não necessariamente ocorre por nossa vontade, podendo ser provocado por uma força externa. Esse esquema é marcado linguisticamente pela construção fazer com que e envolve uma origem, um destino, uma direção uma entidade e uma força que impulsiona essa entidade ao movimento.

Por outro lado, é possível que haja algum tipo de resistência que impeça o movimento. Sendo assim, o esquema de imagem BLOQUEIO faz referência a experiências com obstáculos que bloqueiam ou resistem a alguma força e impedem a realização da ação.

Outra experiência que vivenciamos no cotidiano é metaforizada no esquema de ATRAÇÃO, que explica a maneira pela qual somos atraídos por outras pessoas ou por objetos.

Os esquemas que acabamos de observar levam-nos a concluir, como bem fez o autor, que o modelo de dinâmica de forças de Talmy está diretamente relacionado ao conceito de causação. Talmy (2000, p. 428) explica que a dinâmica de forças é uma generalização do conceito de causação e reflete a conceptualização de processos como resultado da ação de diferentes tipos de força sobre os participantes de determinado evento.

Silva (2008, p. 22) faz uma referência ao estudo com verbos causativos e afirma o seguinte:

As construções causativas são um bom exemplo da categoria de Dinâmica de Forças, que o próprio Talmy (1988b) elaborou como uma generalização da noção linguística tradicional de 'causativo'. Os verbos causativos fazer, manter, deixar e seus sinónimos instanciam diferentes padrões de Dinâmica de Forças: ora o padrão coercivo mutável (fazer) e estável (manter), ora o padrão não impeditivo mutável (deixar 'largar, soltar' e 'permitir') e estável (deixar 'não intervir'). O primeiro é o padrão prototípico da causação, sendo o segundo caracterizável em termos de causação negativa.

É importante compreender, contudo, que a interação de forças não ocorre somente no plano físico. Como esclarece Ferrari (2016, p. 84):

A dinâmica de forças diz respeito ao tratamento linguístico de diferentes tipos de forças e barreiras existentes no mundo sociofísico. Trata-se de um sistema resultante de cinestesia (experiência corporal de esforço ou movimento muscular, ou sensações como pressão e dor) manifestando-se na estrutura semântica.

Sendo assim, essas forças estão presentes não somente no campo físico, mas também nos campos psicológico, social e cognitivo. Para compreendermos, por exemplo, o significado da expressão empurrar com a barriga (deixar para depois algo que precisa ser feito, protelar uma ação ou decisão importante; postergar, adiar), precisamos acionar mecanismos que vão além dos diretamente ligados ao campo físico, pois se trata de uma metáfora.

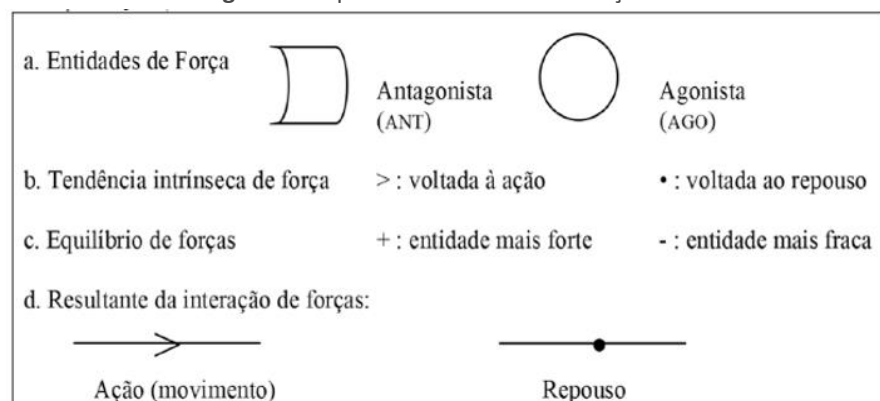
Hart (2010, p. 158) reforça a ideia de que a dinâmica de forças não consiste em um modelo restrito ao domínio das interações físicas, uma vez que seus componentes podem também ser utilizados para explicitar relações sociodinâmicas, intra e interpsicológicas, atuando tanto na representação quanto na legitimação do discurso. Nesse sentido, é possível que tal princípio esteja na base da nossa conceptualização acerca de interações sociais e legais.

Por fim, resumimos o modelo de Talmy conforme fez Silva (2008, p. 11):

O sistema de Dinâmica de Forças compreende as seguintes dimensões: (i) uma oposição de forças entre um Agonista (a entidade que exerce força) e um Antagonista (a entidade que exerce uma contra-força); (ii) uma tendência intrínseca de força do Agonista ora para o movimento ou ação ora para o repouso ou inação; (iii) as forças relativas das forças em oposição, pelo que uma entidade mais forte será capaz de realizar a sua tendência à custa de uma entidade mais fraca; e (iv) o resultado da interação de forças, isto é, ora ação ora inação, somente em relação ao Agonista.

As entidades de força correspondem ao antagonista (ANT) e ao agonista (AGO). O participante colocado em foco é o AGO, que apresenta tendência ao repouso ou ao movimento. O ANT é a entidade que confrontará o AGO, e que apresenta tendência sempre oposta à do AGO e cuja força determinará o repouso ou movimento do AGO. Na figura a seguir, podemos observar o sistema de dinâmica de forças proposto por Talmy (2000) bem como as entidades de força atuantes:

**Figura 1:** Esquema de dinâmica de forças



Fonte: Talmy (2000, p. 414).

A forma de interação entre AGO e ANT é variável e dela podem emergir vários padrões, como a causação, o bloqueio, a permissão e a concessão.

As relações causativas estão, possivelmente, ligadas às experiências pré-conceituais de pressão e compulsão: o AGO assume determinada tendência (ação/repouso), mas o ANT é mais forte e impõe sua tendência, modificando o estado natural do AGO.

Já o bloqueio origina-se, provavelmente, da nossa experiência com restrições de movimento. Nesse padrão, o ANT impõe a sua força impeditiva sobre o AGO.

A permissão, por sua vez, ocorre quando não há um confronto de forças entre as entidades. Nesse caso, embora seja mais forte, o ANT não impõe sua tendência ao AGO.

Por fim, a concessão, foco desse trabalho, “configura-se em uma interação de forças na qual o ANT não tem força o suficiente para reverter a tendência do AGO. Observamos tal padrão em conectivos concessivos, adversativos e em adjuntos modais de contraexpectativa” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017, p. 203).

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada para realização do trabalho teve como base as pesquisas bibliográfica, documental e analítico-descritiva.

No que se refere ao embasamento teórico, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico em que foram consultadas obras de autores como: Johnson (1987), Talmy (2000), Hart (2010), Silva (2008), Gonçalves-Segundo (2017), Batoréo (2017), Ferrari (2016), entre outros.

Os dados foram extraídos de dois jornais em circulação em Manaus (capital do Amazonas): A Crítica e Diário do Amazonas. A escolha dos jornais considerou o fato de serem os de maior repercussão e credibilidade no estado do Amazonas. A coleta dos dados foi feita por via digital, no ano de 2018. Foram selecionadas 15 amostras de notícias e reportagens em que os referidos conectivos concessivos foram utilizados, considerando a proporção entre os diferentes conectivos.

Os gêneros textuais trabalhados foram escolhidos pelo fato de integrarem o domínio discursivo jornalístico e, portanto, constituírem amostras da língua em uso.

A observação dos dados se deu com base na análise qualitativa, cujo procedimento prevê o pesquisador como um participante ativo, que interage em todo o processo, compreende e interpreta os dados a partir da significação das informações coletadas.

#### 5. ANÁLISE DE DADOS

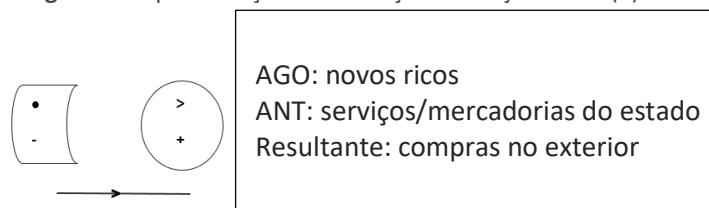
##### 5.1 CONECTORES CONCESSIVOS COMO OPERADORES DE DINÂMICA DE FORÇAS

O primeiro dado a ser analisado é proveniente do jornal A Crítica. No trecho, apresentado a seguir, podemos observar a ocorrência do conector mesmo que.

- (1) Inevitável trazer à lembrança um sem-número de “novos ricos” e de “pessoas públicas” que vivem declarando amor à cidade, mas que na primeira oportunidade fogem dela, maldizendo suas condições. Amaldiçoam o calor, a cidade, o comércio, o atendimento. Adoram ostentar que fizeram tal coisa ou que compraram isso ou aquilo em Miami, ou em qualquer outro lugar, mesmo que aquele serviço ou aquela mercadoria também esteja disponível aqui. Parecem ter o prazer de dizer “não, não foi em Manaus”, como uma vitória, um símbolo de sucesso e de status. Mas admitem que a cidade é “boa para se ganhar dinheiro!” (Disponível em: <http://www.acritica.com/blogs/orlando-camara/posts/autossabotagem>. Acesso em: 16 nov. 2017).

No *ground* construído, observamos um conceptualizador que expressa uma opinião sobre o comportamento de algumas pessoas (moradores da cidade de Manaus) que dizem amar a cidade, porém vivem maldizendo tudo que há nela. Para exemplificar essa contradição, o conceptualizador destaca o prazer tido pelas pessoas ao afirmarem que compraram determinado produto ou serviço em Miami, apesar de esse mesmo produto ou serviço também ser vendido em Manaus. Além disso, o conceptualizador cita o fato de as pessoas ditas insatisfeitas afirmarem que Manaus é uma boa cidade para ganhar dinheiro. Diante dessa situação conceptualizada, observa-se que há um esquema de forças contrárias em que o ANT (serviços/mercadorias do estado) não tem forças para reverter a tendência da entidade em foco (novos ricos), ou seja, a disponibilidade dos serviços ou mercadorias dentro do estado seria potencialmente suficiente para impedir a compra dos “novos ricos” no exterior, porém o estado natural de comprar exerce maior força. Ocorre, desse modo, a concessão, em que o AGO mantém sua tendência natural ao movimento. Nesse caso, a resultante da interação de forças é representada da seguinte forma:

Figura 2: Representação da interação de forças: dado (1).



Fonte: Autoria própria (2021).

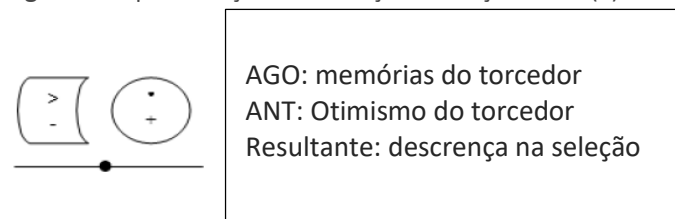
Vejamos mais um dado, também do jornal A Crítica:

- (2) Sobre a equipe de Tite, Clóvis não vê os jogadores dedicados e enxerga o time sem inspiração durante os jogos. “Não vejo uma confiança firme, parece que está faltando algo, mesmo com tantos bons jogadores”, afirma Clóvis. Apesar do otimismo pelo hexa, o senhor afirma que suas memórias provam o contrário. “Em 82, lembro que fiz uma grande churrascada com meus filhos pela Seleção e ela perdeu o título. Já em 2002, estávamos

desacreditados e conquistamos o penta. Vamos ver”, afirma Clóvis. (Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/esportes/news/leitor-do-manaus-hoje-coleciona-raio-x-do-mh-e-da-pitacos-sobre-a-selecao>. Acesso em: 10 jan. 2019).

A situação conceptualizada descreve a falta de confiança por parte de um torcedor em relação à seleção brasileira. O conector apesar de mostra que o movimento natural do AGO (memórias do torcedor) é mantido já que o ANT (otimismo do torcedor) não tem força suficiente para alterá-lo. Ocorre, portanto, uma interação entre forças contrárias cuja resultante é a concessão. A dinâmica de forças pode ser assim representada nesse caso:

**Figura 3:** Representação da interação de forças: dado (2).



Fonte: Autoria própria (2021).

O próximo dado a ser analisado é proveniente do jornal Diário do Amazonas. Vejamos:

- (3) Segundo os economistas da Serasa Experian, o enfraquecimento do ritmo de crescimento econômico contribui para manter em patamares elevados as taxas de desemprego no País e, conseqüentemente, os níveis recordes de inadimplência do consumidor. A inadimplência dos idosos, embora não seja a faixa mais elevada, foi a que mais cresceu nos últimos dois anos. Em julho deste ano, 35,1% dos brasileiros com mais de 61 anos de idade estavam com contas atrasadas. Se comparado ao mesmo período de 2016, a inadimplência desse público registrou crescimento de 2,6 pontos percentuais. A faixa etária mais inadimplente continua sendo a dos adultos entre 36 e 40 anos, com 47,2% dos brasileiros inadimplentes. No entanto, observa-se que, nos dois últimos anos, a fatia de adultos inadimplentes cresceu muito menos do que a dos idosos. Já a que mais caiu foi a dos jovens, registrando queda de 2 pontos percentuais nos últimos dois anos. (Disponível em: <http://diariodoamazonas.com.br/economia/metade-dos-adultos-no-am-tem-nome-sujo-aponta-serasa-experian/>. Acesso em: 22 jan. 2019).

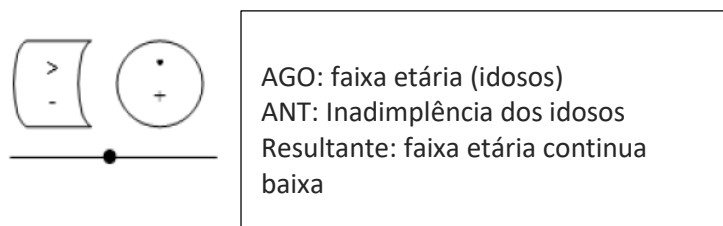
A cena descrita retrata a realidade da inadimplência no Brasil, causada pela queda no ritmo de crescimento econômico do País. Podemos observar que, nessa cena, há uma dinâmica de força de causação. Essa dinâmica é expressa no

enunciado contribui para manter. Nesse sentido, Silva (2008, p. 22) afirma o seguinte:

Os verbos causativos fazer, manter, deixar e seus sinónimos instanciam diferentes padrões de Dinâmica de Forças: ora o padrão coercivo mutável (fazer) e estável (manter), ora o padrão não impeditivo mutável (deixar ‘largar, soltar’ e ‘permitir’) e estável (deixar ‘não intervir’). O primeiro é o padrão prototípico da causação, sendo o segundo caracterizável em termos de causação negativa.

A presença do conector embora bem como do ANT (inadimplência dos idosos) e do AGO (faixa etária de idosos) demonstram a atuação da dinâmica de forças de concessão. A tendência natural da faixa etária não é modificada pela força da inadimplência, pois, na verdade, essa força é insuficiente para alterar o estado de repouso do AGO. Sendo assim, a interação de forças pode ser representada da seguinte forma:

**Figura 4:** Representação da interação de forças: dado (3).



Fonte: Autoria própria (2021).

Os dados apresentados demonstram a relevância do modelo da dinâmica de forças para compreensão dos significados linguísticos expressos pelos conectores concessivos.

Além disso, determinam diferentes perspectivas conceituais dentro de uma mesma situação no mundo real.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Este artigo objetivou demonstrar o impacto dos padrões da Dinâmica de Forças na estrutura da linguagem por meio do estudo dos conectivos concessivos mesmo que, embora e apesar de. Para tanto, inicialmente, traçamos um breve panorama dos estudos baseados na teoria talmiana realizados em Portugal e no Brasil, o que reforçou a relevância do modelo da Dinâmica de Forças para descrição de eventos no nível tanto físico quanto conceptual. Em seguida, apresentamos conceitos básicos da Linguística Cognitiva, campo em que brotaram os estudos de Leonard Talmy, para então focarmos a teoria dos esquemas imagéticos e, enfim, o modelo da Dinâmica de Forças, central para nosso estudo.

As análises realizadas comprovaram que os conectivos concessivos expressam a dinâmica de forças de concessão, confirmando a interação existente entre entidades que representam forças contrárias bem como a resultante dessa

interação, que consiste na permanência do estado natural do AGO, uma vez que a força do ANT não é suficiente para alterar esse estado. Nesse caso, a resultante pode tender ao repouso ou à ação, dependendo da tendência natural do AGO.

Além disso, as análises possibilitaram verificar que os operadores de padrões de dinâmica de forças definem diferentes perspectivas conceituais, o que é determinante para construção de significado.



# Impact of force dynamics pattern operators on language structure: a cognitive study with the concessive connective

## ABSTRACT

This article is an excerpt from an investigative proposal whose main objective is to develop a study on the uses and functions of *mesmo* in spoken and written Portuguese from Amazonas under the theoretical perspective of Cognitive Linguistics in interface with Sociolinguistics. The main objective, within the cut, is to demonstrate the impact of force dynamics patterns on the structure of language through a brief study on Talmy's theoretical model (2000) known as Force Dynamics. This theoretical model is considered by Cognitive Linguistics as one of the operations of conceptual perspective, in which there is an imaginary FORCE Scheme. With a focus on the central objective, a research was made with the concessive connectors, *mesmo que*, *embora* and *apesar de*, together with a linguistic approach on the concepts linked to the force dynamics model, and at the same time, some studies have already been presented. Talmy (1988, 2000), Hart (2010), Lakoff e Johnson (2002), Silva (1997, 2008), Batoréo (2015, 2017) and Langacker (2008) were consulted on the theme to confirm its importance in the field of Cognitive Linguistics. The data were extracted from two major newspapers in the city of Manaus, capital of Amazonas in the years 2017 and 2018. The analysis made in the selected news shows that the force dynamics model is applicable to the expressions with the concessive connectors, and that these operators produce different conceptual perspectives (or construal according Langacker) of the same situation in the real world.

**KEYWORDS:** Cognitive Linguistics. Imagetic schemes. Force Dynamics.

## NOTAS

<sup>1</sup>“[...] by which we organize our experience in ways that we can comprehend.”

<sup>2</sup>“[...] they can take on any number of specific instantiations in varying contexts.”

<sup>3</sup>Disponível em: <http://www.acritica.com/blogs/orlando-camara/posts/contradicao>. Acesso em: 16 nov. 2017.

<sup>4</sup>Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manuel/news/invasores-derrubam-arvores-e-ocupam-area-verde-no-distrito-industrial>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>5</sup>Disponível em: <http://diariodoamazonas.com.br/economia/pesquisa-mostra-que-mulheres-ganham-75-do-salario-dos-homens/>. Acesso em: 22 jan. 2019.

<sup>6</sup>Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/tres-sobreviventes-de-acidente-aereo-sao-resgatados-proximos-de-tabatinga-am>. Acesso em: 21 dez. 2018.

<sup>7</sup>Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manuel/news/bate-boca-entre-deputados-marca-sessao-na-ale-para-discutir-a-greve-dos-professores>. Acesso em 10 jan. 2019.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/kikao-ganha-novos-formatos-para-todos-os-gostos-em-manauas>. Acesso em: 7 jan. 2019.

## REFERÊNCIAS

BATORÉO, Hanna J. Linguística cultural e o estudo do léxico da língua portuguesa (PE e PB): a linguagem em uso, os sentidos múltiplos e as operações de perspectivação conceptual. *In*: SIMÕES, Darcília; OSÓRIO, Paulo; MOLLICA, Cecília (Edit.). **Contribuição à linguística do Brasil**: um projeto de vida. Miscelânea em homenagem a Cláudia Roncarati. Dialogarts. Rio de Janeiro: Faperj, 2015. p. 98-143.

\_\_\_\_\_. Tipologia de espaço e tipologia das línguas na linguística cognitiva: proposta de Leonard Talmy. *In*: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Eds.). **Linguística cognitiva**: pensamento, linguagem e cultura. Campos de Goitacazes: Brasil Multicultural, 2017. v. 1. p. 136-177.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. **Linguística cognitiva**: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos e categorização de experiências. Natal: EDUFRRN, 2012.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo. Convergência entre a análise crítica do discurso e a linguística cognitiva: integração conceptual, metáfora e dinâmica de forças. **Veredas**, Juiz de Fora, UFJF, v. 18, n. 2, p. 32-50, 2014.

\_\_\_\_\_. A permeabilidade da dinâmica de forças: da gramática ao discurso. *In*: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; RESENDE, Briseida Dôgo; DE PAULA, Fraulein Vidigal; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante (Org.). **Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar**. Lecce: Pensa Multimedia Editores, 2015. p. 163-185.

\_\_\_\_\_. Orientação argumentativa e cognição: a dinâmica de forças no debate acerca dos rolezinhos. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, p. 200-212, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7924>. Acesso em: 7 jul. 2018.

HART, Christopher. **Critical discourse analysis and cognitive science: immigration discourse**. Basingstone: Palgrave Macmilan, 2010.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/9c85/d2dd7e6d924a1078fb93cac9b8aa850d3e.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2016.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: Mercado de Letras: Educ, 2002.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar: an basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística cognitiva. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 177- 192.

MOURA, Heronides. O rico mundo das causas e seus efeitos na gramática dos verbos. *In*: MOURA, Heronides; GABRIEL, Rosângela (Org.). **Cognição na linguagem**. Florianópolis: Insular, 2012.

\_\_\_\_\_. KNIHS, Maiara. Metáforas sobre emoções: uma cena cognitiva de teatro e de força. **Work.pop.linguistic**, Florianópolis, n. 2, p. 89-99, 2010.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

\_\_\_\_\_. Perspectivação conceptual e gramática. **Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos**, Braga, Faculdade de Filosofia da UCP, v. 12-1, p. 17-44, 2008.

TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive Science** 12, Berkeley, University of California, p. 49-100, 1988.

\_\_\_\_\_. **Towards a cognitive semantics**. v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

**Recebido:** 28 fev. 2021

**Aprovado:** 19 out. 2021

**DOI:** 10.3895/rl.v23n43.13880

**Como citar:** CAVALCANTE, Marciene da Silva Nascimento. SOUZA, Melina Célia. Impacto de operadores de padrões de dinâmica de forças na estrutura da linguagem: um estudo cognitivo com os conectivos concessivos. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 43 p. 64-82, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

